

Cruzando fronteiras linguísticas, culturais e geográficas: narrativas diaspóricas na ficção de Julia Alvarez

Tito Matias-Ferreira Jr.*

Resumo

Este artigo objetiva investigar a maneira como sujeitos diaspóricos ficcionais negociam o embate entre duas culturas, já que, aparentemente, espelham “a dor daqueles que se encontram divididos entre terras natais e línguas maternas”. As implicações dessa negociação na vida do imigrante são questões relevantes na escrita de Julia Alvarez, assim como na de outros escritores contemporâneos. Para tanto, a significância da escrita das reminiscências do âmbito familiar é observada como um meio de apresentar a coletividade da escrita imigrante e, mais importante, como um meio que escritores imigrantes de diferentes lugares usam para possivelmente se sentirem conectados uns com os outros. Do mesmo modo, leva-se também em consideração a questão linguística na construção da identidade imigrante, visto que a língua é um fator-chave na negociação que as personagens diaspóricas agenciam para buscar entender onde se posicionam no mundo contemporâneo.

Palavras-chave: Imigração. Narrativas. Ficção. Língua. Julia Alvarez.

Recebido em: 15/03/2017

Aceito em: 30/07/2017

* Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). Mestre em Estudos da Linguagem, área de concentração: Literatura Comparada, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), e Doutorando na mesma Universidade. Atualmente é Visiting Scholar na Duke University/USA (DUKE) por meio de uma bolsa de Doutorado Sanduíche concedida pela Fulbright.

I would propose that this multicultural perspective [...] is the perspective of some of the most interesting writers of the late twentieth century: Salman Rushdie in London, Michael Ondaatje in Toronto, Maxine Hong Kingston in San Francisco, Seamus Heaney in Boston, Bharati Mukherjee in Berkeley, Marjorie Agosin in Wellesley, Edwidge Danticat in Brooklyn. We're a mobile world; borders are melting; nationalities are on the move, often for devastating reasons. A multicultural perspective is more and more the way to understand the world.¹ (ALVAREZ, 1998, p. 173).

Ao retratar as histórias da família García nas narrativas de **How the García Girls Lost Their Accents**, a autora dominicana-estadunidense Julia Alvarez escolhe, por meio da representação ficcional de uma família dominicana, contar os episódios de inserção dos García à sociedade estadunidense pela imigração dos integrantes da família caribenha retratada no romance. Dessa forma, ao contar tais passagens, focalizando as experiências das personagens em face da imigração, a autora aborda territórios limiares, repletos de espaços que possibilitam movimentos e deslocamentos, propiciando o desenraizamento de suas personagens (ALMEIDA, 2008, p. 11). Assim, as irmãs Carla, Sandra, Yolanda e Sofia García parecem adquirir identidades maleáveis, que podem se alterar ou não dependendo do contexto em que se encontram.

Aliás, o processo de mobilidade identitária supostamente passa a ganhar forma devido ao impacto da imigração nas personagens de Alvarez. Na fase inicial de adaptação à cultura hegemônica estadunidense, Carlos e Laura, os pais das irmãs García, têm a preocupação de manter traços étnicos provenientes da República Dominicana, como o da manutenção da religião católica, assim como o uso do espanhol, por exemplo, no território da esfera familiar, ou seja, o lar dos García. Apesar do esforço de seus pais, as García não se mostravam contentes com o modo como viviam nos Estados Unidos, em seus primeiros anos, em solo estrangeiro:

We didn't feel we had the Best the United States had to offer. We had only second-hand stuff, rental houses in one red-neck Catholic neighborhood after another, clothes at Round Robin, a black and

¹ “Eu diria que esta perspectiva multicultural [...] é a perspectiva de alguns dos escritores mais interessantes do final do século XX: Salman Rushdie em Londres, Michael Ondaatje em Toronto, Maxine Hong Kingston em São Francisco, Seamus Heaney em Boston, Bharati Mukherjee em Berkeley, Marjorie Agosin em Wellesly, Edwidge Danticat em Brooklyn. Nós somos um mundo em movimento: as bordas estão se desintegrando, nacionalidades estão se movendo, e muitas vezes por razões devastadoras. Uma perspectiva multicultural é cada vez mais a melhor forma de se compreender o mundo.” (ALVAREZ, 1998, p. 173, tradução nossa).

white TV afflicted with wavy lines. Cooped up in those little suburban houses, the rules were as strict as for Island girls, but there was no island to make up the different. Then a few weird things happened. Carla met a pervert. At school, epithets [...] were hurled our way.² (ALVAREZ, 1992, p. 107).

Contudo, ao adquirirem a percepção de que seus costumes aparentemente não eram vistos com muita receptividade pelas personagens estadunidenses da obra, as irmãs García passam a assumir traços da cultura estadunidense em seu cotidiano:

We learned to forge Mami's signature and went about anywhere, to dance weekends and football weekends and snow sculpture weekends. We could kiss and not get pregnant. We could smoke and no great aunt would smell us and croak. We began to develop a taste for the America teenage good life, and soon, Island was old hat, man. Island was the hair-and-nails crowd, and icky boys with all their macho strutting and unbuttoned shirts and hairy chest with gold chains and teensy gold crucifixes. By the end of a couple of years away from home, we had **more** than adjusted.³ (ALVAREZ, 1992, p. 108-109, grifo da autora).

Percebe-se, assim, que o processo de formação identitária das irmãs García e também de adaptação em ambos os mundos que habitam é algo conflituoso. No capítulo intitulado “Floor Show”, Julia Alvarez descreve a adaptação da família García em seus três primeiros meses de exílio nos Estados Unidos. A condição dos García muda drasticamente em solo estrangeiro, já que a família não mantém o padrão de vida que possuía por pertencer a um clã abastado na República Dominicana, o da família de la Torre, de quem a mãe das García descende:

2 “Nós sentíamos como se não tivéssemos o melhor que os Estados Unidos tinham a nos oferecer. Tudo que possuíamos era de material de segunda mão, morávamos em casas de aluguel em um bairro católico caipira após o outro, comprávamos roupas em Round Robin, tínhamos uma TV preto e branco acoplada a antenas de linhas onduladas. Enfiadas naquelas casinhas suburbanas, as regras eram tão rigorosas quanto para as meninas da Ilha, mas não havia nenhuma ilha para compensar tudo aquilo. Além disso, algumas coisas estranhas aconteciam. Carla se deparou com um pervertido. Na escola, epítetos [...] eram direcionados a nós.” (ALVAREZ, 1992, p. 107, tradução nossa).

3 “Aprendemos a forjar a assinatura da Mamãe e saíamos para qualquer lugar, dançando, assistindo futebol e também fazendo esculturas de neve nos fins de semana. Nós beijávamos e não engravidávamos. Fumávamos e nenhuma tia-avó nos cheiraria nem nos repreenderia. Começamos a desenvolver o gosto pela boa vida de ser adolescente nos Estados Unidos e, num instante, a ilha tinha se tornado passado, cara. A ilha era só uma multidão de mulheres cheias de cabelos e unhas e caras nojentos com toda a sua pompa machista e camisas desabotoadas exibindo seus peitos cabeludos carregando correntes e pequenos crucifixos de ouro. Ao fim de alguns anos longe de casa, nós havíamos **mais** do que nos ajustado.” (ALVAREZ, 1992, p. 108-109, grifo da autora, tradução nossa.).

[...] [m]ostly, they [the girls' grandparents] were far away in New York City, where [their] grandfather had some position in the United Nations. A kindly, educated old man with a big Panama hat who worried mostly about his digestion, [their] grandfather entertained no political ambitions. But the tyrant [Rafael Leónidas Trujillo] who had seized power was jealous of anyone with education and money, and so Papito was often sent out of the country [the Dominican Republic] on a bogus diplomatic post.⁴ (ALVAREZ, 1992, p. 226).

Além disso, o pai das meninas, Carlos García, ainda se encontra impedido de exercer a medicina por possuir um diploma estrangeiro e também necessita ser aprovado no exame para se tornar um médico licenciado em solo estadunidense (ALVAREZ, 1992, p. 172).

Com isso, a família García passa pelo primeiro deslocamento de sua identidade ao ter a sua condição financeira restringida após instalar-se nos Estados Unidos. O leitor fica ciente da nova situação dos García em solo estrangeiro quando Sandra, a segunda filha, se lembra de uma confidência de sua mãe, Laura García:

Thank God their grandfather was helping them out. "Without Papito," Mami confided in her girls, swearing them never to repeat this to their father, "without Papito, we would have to go on welfare." Welfare, they knew, was what people in this country [the U.S.] got so they wouldn't turn into beggars like those outside La Catedral back home [the Dominican Republic]. It was Papito who paid the rent and bought them winter clothes and spoiled them once with an outing to Lincon Center to see the doll-like ballerinas dancing on their toes.⁵ (ALVAREZ, 1992, p. 174).

4 "[...] [n]a maioria das vezes, eles [os avós das meninas] estavam bem longe, na cidade de Nova Iorque, onde o avô tinha algum cargo nas Nações Unidas. Um senhor velho, gentil e educado, que usava um chapéu grande do Panamá, e se preocupava bastante com a sua digestão, ele não almejava nenhuma ambição política. Mas o tirano [Rafael Leónidas Trujillo] que havia tomado o poder se invejava de qualquer pessoa com estudos e fortuna, e assim o Vovô era frequentemente enviado para fora do país [da República Dominicana] em um posto diplomático de fachada." (ALVAREZ, 1992, p. 226, tradução nossa).

5 "Graças a Deus o avô delas estava ajudando-os. "Sem o Vovô, Mamã confidenciava a suas filhas, fazendo-as prometer nunca repetir aquilo para o pai delas, sem o Vovô, nós teríamos que receber a ajuda do governo." Auxílio do governo, elas sabiam, era o que as pessoas naquele país [os EUA] recebiam para não se tornarem mendigos como aqueles do lado de fora da Catedral lá de casa [a República Dominicana]. Era o Vovô quem pagava o aluguel e comprava para elas suas roupas de inverno e uma vez lhes fez um agrado com uma saída para visitar o Lincon Center e ver as bailarinas com os rostos parecidos com os de bonecas dançarem nas pontas de seus pés." (ALVAREZ, 1992, p. 174, tradução nossa).

Apesar de terem a ajuda do avô materno para amenizar a saída repentina da República Dominicana, as irmãs García ainda experimentam outras mudanças que acabam por modificar sua percepção do que é ser imigrante nos Estados Unidos. No prédio em que residiram pela primeira vez após migrarem para o estrangeiro, a família García não foi bem recebida inicialmente. Os moradores não gostavam do jeito expansivo e falador dos García dentro de casa, falando espanhol entre si, escutando suas músicas para manterem contato com suas raízes. Uma moradora em especial, apelidada de “A Bruxa” pelas meninas, fazia questão de lembrar aos García que eles não pertenciam àquele lugar:

“La Bruja” [...] The old woman in the apartment below, who had a helmet of beauty parlor blue hair, had been complaining to the super since the family moved in a few months ago. The Garcías should be evicted. Their food smelled. They spoke too loudly and not in English. The kids sounded like a herd of wild burros. The Puerto Rico super, Alfredo, came to their door almost daily. Could Mrs. García turn the radio down? Could Mrs. García maybe keep the girls more in line? The neighbor downstairs had been awakened by the clatter of their shoes on the floor.⁶ (ALVAREZ, 1992, p. 170).

Tanto a adaptação quanto a educação das García em um novo país não eram um processo fácil para a família, e Laura, a mãe das meninas, muitas vezes, não conseguia lidar com as exigências feitas pela idosa que residia no apartamento debaixo do dela. Sem tomar partido de nenhum dos lados, o síndico se atinha a abrandar o embate das duas culturas: “It’s a difficult place, this country, before you get used to it. You have not to take things personal.”⁷ (ALVAREZ, 1992, p. 170).

Entretanto, nem a intervenção de Alfredo parecia acalmar a convivência entre a senhora estadunidense e a família García no primeiro edifício em que residiram em Nova Iorque. Em um dos confrontos entre ambas, a estadunidense deixa claro para Laura e suas filhas que elas não eram bem recebidas ali:

6 “ ‘A Bruxa’ [...] A idosa do apartamento debaixo, que tinha um cabelo de capacete azul feito no salão de beleza, sempre fazia reclamações ao síndico desde a chegada da família alguns meses atrás. Os García devem ser evitados. A comida deles cheira forte. Eles falam muito alto e não em inglês. As crianças pareciam um rebanho de burros selvagens. O síndico porto-riquenho, Alfredo, batia na porta deles quase que diariamente. A Senhora García poderia abaixar o volume do rádio? A Senhora García poderia fazer as meninas se comportarem mais? A vizinha debaixo foi acordada pelo barulho dos sapatos delas no chão.” (ALVAREZ, 1992, p. 170, tradução nossa).

7 “É um lugar difícil, este país, até que você se acostume. Você não deve levar as coisas para o lado pessoal.” (ALVAREZ, 1992, p. 170, tradução nossa).

“One day [...] after they had moved in, La Bruja had stopped her mother and the girls in the lobby and spat out that ugly word the kids at school sometimes used: ‘Spics’⁸ Go back to where you came from!”⁹ (ALVAREZ, 1992, p. 171).

A reação da vizinha estadunidense reflete a ideia de que a presença da família da República Dominicana lhe causa um grande estranhamento. A “Bruja”, como os García apelidaram a mulher que morava no andar de baixo, parece não conseguir lidar com as diferenças culturais exercidas por eles e escolhe demonstrar a sua insatisfação em ter que conviver com Carlos, Laura e suas filhas de maneira tão próxima. Segundo Kristeva (1994), a relação de convivência com o estrangeiro pode acarretar tanto uma simpatia quanto uma antipatia no momento em que o sujeito hegemônico encara o sujeito diaspórico:

[...] a sua singularidade impressiona: esses olhos, esses lábios, essas faces, essa pele diferente das outras o destacam e lembram que ali existe **alguém**. [...] Porém esse discernimento dos traços dos estrangeiros, que nos cativa, ao mesmo tempo nos atrai e repele: “Pelo menos, sou também — singular e portanto devo amá-lo”, diz para si o observador; “não, prefiro a minha própria singularidade e portanto devo matá-lo”, pode ele concluir. Do amor ao ódio, o rosto dos estrangeiros nos força a manifestar a maneira secreta que temos de encarar o mundo, de nos desfigurarmos todos, até as comunidades mais familiares, mais fechadas. (KRISTEVA, 1994, p. 11, grifo da autora).

Ademais, por consequência da não receptividade e, muitas vezes, da intransigência dos países hegemônicos ao fato de os imigrantes se comunicarem por meio de sua língua étnica, há, em sua fase inicial, o possível abrandamento do sotaque dos imigrantes ao falar a língua hegemônica, antes carregada por sua língua materna (a suavização do espanhol, no caso dos García). Alguns imigrantes passam a usar a língua inglesa como língua de comunicação oficial até mesmo quando interagem com outros falantes de sua língua materna. Ainda no episódio

8 A palavra “*Spic*” é um termo pejorativo em inglês usado para caçar dos imigrantes nativos de língua espanhola ao tentarem falar inglês com os estadunidenses. Devido ao forte sotaque, muitos desses imigrantes, ao se comunicarem em língua inglesa, demonstram a sua incapacidade de diferenciar vogais longas e vogais curtas, fato fonético de grande recorrência em inglês. Então, ao pronunciarem a palavra “*speak*” de forma equivocada, tais imigrantes acabam por pronunciar “*spic*”. Com isso, ao se dirigir às García por meio desse adjetivo pejorativo, a vizinha do andar de baixo demonstra toda a sua insatisfação diante da presença da família ficcional do romance de Alvarez em seu território.

9 “Um dia [...] após eles terem se mudado, A Bruja parou a Mãe e as garotas no saguão e cuspiu nelas aquela palavra que as crianças na escola às vezes usavam: “Spics” Voltem para o lugar que vieram!” (ALVAREZ, 1992, p. 171, tradução nossa).

intitulado “Floor Show”, o fato de o síndico se dirigir à família García em inglês, mesmo sabendo que eles também são falantes nativos de espanhol, causa estranhamento à Sandra, a segunda filha do casal Carlos e Laura García: “[s]he [Sandi] did not like Alfredo; something about the man’s overfriendliness and his speaking to them in English even though they all knew Spanish made her feel uneasy”.¹⁰ (ALVAREZ, 1992, p. 171).

O desconforto linguístico das personagens de Alvarez também vem à tona quando elas percebem ser incapazes de se comunicar fluentemente em espanhol quando passam a visitar seu país de origem com mais frequência, depois de algum tempo vivendo nos EUA. E, a partir do momento em que as meninas têm a chance de regressar à ilha onde se localiza a República Dominicana, a fluidez de suas identidades fica mais evidenciada, uma vez que há uma constante negociação entre as porções caribenha e estadunidense. De acordo com Almeida,

As identidades móveis afetam e são afetadas pelos movimentos transnacionais e, por sua vez, modificam os sujeitos que se movem além das fronteiras, bem como aqueles que se encontram enraizados. Torna-se possível, então, falar [...] de identidades híbridas e afiliações múltiplas que definam os sujeitos, [...], em um movimento constante, em um processo contínuo de estar no mundo. Esses sujeitos são detentores de uma cidadania transitória, refletindo um posicionamento que os situa em relação a um contexto espacial específico, local, mas ao mesmo tempo movente e transnacional. (ALMEIDA, 2008, p. 12).

Assim, o posicionamento das personagens de Alvarez perante as situações vivenciadas tanto na República Dominicana como nos Estados Unidos está diretamente conectado e influenciado pelo fato de elas terem migrado para a América do Norte e, dessa forma, terem que agenciar não somente os espaços territoriais que habitam, mas também suas identidades hifenizadas.

Com efeito, as experiências vividas pelas personagens da obra de Alvarez destacam fatores que, no mundo contemporâneo, podem ser também a experiência de muitos sujeitos que deixam o seu país de origem, seja para obter uma vida financeira supostamente mais vantajosa, seja para escapar de qualquer tipo de perseguições em seu país de origem. Autores como Julia Alvarez, ao utilizarem a Literatura como ferramenta para a conscientização sobre as modificações de tais

10 “[e]la [Sandi] não gostava de Alfredo; algo em relação ao modo excessivamente amigável do homem e o fato de ele falar com eles em Inglês apesar de todos saberem Espanhol a deixava desconfortável.” (ALVAREZ, 1992, p. 171, tradução nossa).

sujeitos abrigados em um território estrangeiro, propiciam formas de compreensão à situação de muitos sujeitos diaspóricos:

Seus narrativas privilegiam filiações múltiplas, móveis e deslizantes. São vários os lares a serem habitados na contemporaneidade. [...] uma das formas mais produtivas de se propiciar essa leitura crítica dos discursos da atualidade é por meio de textos literários e falas dos intelectuais que contestam e problematizam o atual cenário global (ALMEIDA, 2008, p. 13-15).

Dessa forma, a obra **How the García Girls Lost Their Accents**, além de retratar o cotidiano das personagens ficcionais que migram para os Estados Unidos, situação semelhante à vivida pela própria autora do romance e por muitos autores contemporâneos, funciona também como instrumento de informação dos possíveis acarretamentos da mobilidade de sujeitos no mundo contemporâneo e, também, das aparentes mudanças identitárias do ser ao ter em sua composição uma identidade fronteiriça em função de sua imigração. Assim, para Santiago:

Guardando seu lugar na segunda fila, é, no entanto, preciso que assinale a sua diferença, marque sua presença, uma presença muitas vezes de vanguarda. O silêncio seria a resposta desejada pelo imperialismo cultural, ou ainda o eco sonoro que apenas serve para apertar mais os laços do poder conquistador. Falar, escrever significa: falar contra, escrever contra. (SANTIAGO, 2000, p. 16-17).

Com isso, é conferido à escrita imigrante de Alvarez o papel de discutir as modificações das identidades de suas personagens por meio do embate entre as culturas caribenha e estadunidense e o seu posicionamento em relação ao espaço em que se encontram. Tal fato parece evidenciar a necessidade da existência de escritas de cunho reflexivo como a da escritora e de autores que se assemelham a ela em suas narrativas:

[...] ao problematizar, por meio de uma narrativa desestabilizadora, as políticas identitárias que permeiam as visões do mundo contemporâneo, [Julia Alvarez] privilegia uma escritura da atualidade em termos dos movimentos transnacionais, [...], contribuindo assim para interrogar, de forma incisiva, várias políticas discursivas da contemporaneidade. [...] Essa e outras narrativas da diáspora [...] revelam a possibilidade de refletir sobre e problematizar, por meio da literatura, o papel das mulheres no atual cenário social e geopolítico e a consequente feminização da globalização e da diáspora contemporânea. (ALMEIDA, 2008, p.

18-19).

Conseqüentemente, a literatura alvareziana realiza a abertura de um novo espaço na esfera global, por meio da qual as vozes marginalizadas pelos centros hegemônicos, como a de mulheres imigrantes, assim como a da própria autora, possam ser ouvidas e disseminadas, como também possibilitem a discussão dos efeitos da imigração no território estadunidense. Assim, de acordo com Spivak (2007), escritores imigrantes como Alvarez são “persons and groups [that] were cut off from the cultural lines [of] the [post]colonial subject”.¹¹ (SPIVAK, 2007, p. 230). Nas suas tentativas de diálogo com o sujeito hegemônico, “(culture) is transformed into militancy, and thus produces tangents for subaltern sphere [...]”.¹² (SPIVAK, 2007, p. 231).

Nesse sentido, o retrato das histórias ficcionais das personagens do romance, no período inicial de sua vida, na fase de adolescência e pré-juventude, a fim de descrever tanto as mudanças culturais como as identitárias, parece englobar um momento decisivo na construção das suas identidades migratórias. Para Harris:

tanto as escritoras migrantes quanto as personagens por elas criadas são influenciadas por duas ou mais culturas e desenvolvem identidades híbridas a partir das rupturas desencadeadas pelos deslocamentos múltiplos — geográficos, culturais, linguísticos e psíquicos — que vivenciam (HARRIS, 2011, p. 219).

Dessa forma, a descrição dos momentos vividos por sujeitos diaspóricos ficcionais, em obras como **How the García Girls Lost Their Accents**, traz à tona o desejo de construir uma ideia que não promulgue a forte tendência de homogeneização dos diferentes grupos de imigrantes e seus descendentes nos Estados Unidos.

A condição do imigrante no romance, então, expõe a constituição de identidades fronteiriças ressaltadas por meio das relações linguísticas e culturais que a família García experimenta após a imigração para Nova Iorque. O fato de as personagens lidarem com uma nova perspectiva linguístico-cultural faz com que a família adquira novos olhares sobre si mesma e sobre sua situação de imigrante. Harris constata que:

11 “pessoas ou grupos [que] foram cortados das linhas culturais [do] sujeito [pós-]colonial.” (SPIVAK, 2007, p. 230, tradução nossa).

12 “(a cultura) é transformada em militância e, portanto, produz tangentes para esfera subalterna.[...]” (SPIVAK, 2007, p. 231, tradução nossa)

Edward Said argumenta que a dualidade/pluralidade de visão do sujeito diaspórico propicia a consciência de dimensões simultâneas, uma consciência que lhe permite “contrapontear”, ou seja, desenvolver uma visão de mundo a partir de perspectivas, senão opostas, certamente diferentes (HARRIS, 2011, p. 223).

Tais dimensões simultâneas não necessariamente carregam traços estritamente negativos sobre o estado do sujeito migratório, uma vez que a imigração pode também propiciar a autonomia do ser. O abrandamento das marcas da imigração dependerá da maneira como esses sujeitos rememoram e/ou se conectam, de alguma forma, com a sua terra natal (HARRIS, 2011, p. 223).

Percebe-se, então, que os imigrantes que se encontram em uma cultura oposta à de sua terra natal tendem a usar as suas memórias através de negociações individuais para escapar do sentimento constante e, por vezes, negativo, de perda que assombra suas vidas. Ao descrever passagens do processo migratório das personagens do livro **How the García Girls Lost Their Accents**, escritores como Alvarez,

[...] [a]dota[m] uma postura crítica e privilegia[m] as narrativas que seus personagens produzem na vida cotidiana como cidadãos, e cidadãs comuns, [...] [tais] escritoras [...] frequentemente destroem narrativas pedagógicas e enfatizam o performativo, reescrevendo a história a partir de narrativas individuais e coletivas. (HARRIS, 2011, p. 223).

Sendo assim, Alvarez

[...] se posiciona como uma romancista que encara a realidade como multifacetada e escreve a partir de perspectivas múltiplas e contraditórias, sem tentar definir ‘a realidade’ e sem fazer o uso de uma voz narrativa única que interprete a vida de seus personagens” (HARRIS, 2011, p. 225).

Ademais, a obra **How the García Girls Lost Their Accents** é construída por meio das vozes fragmentadas das irmãs García, e, em cada fragmento, as meninas relatam as suas experiências na ilha antes da imigração, a convivência inicial com a cultura e sociedade estadunidenses, a mediação entre as culturas caribenha e estadunidense, à medida que se tornam adultas nos EUA, e também sua relação com a ilha e os Estados Unidos depois de fazerem constantes viagens de ida e volta para a República Dominicana. Essas vozes representam pontos de vistas diferentes

sobre o impacto da imigração nas personagens de Alvarez, e, para que isso fique enfatizado em seu enredo, a autora escolhe escrever a sua obra com vozes narrativas multifacetadas.

Além disso, a imigração aparentemente pode se tornar um dos eventos mais estressantes que um indivíduo é capaz de tolerar. Aqueles que migram para uma terra estrangeira parecem romper fortemente os laços que possuíam com seu local de origem devido à distância física que os separa:

[...] Immigrants are stripped of many of their sustaining social relationships, as well as their roles which provide them with culturally scripted notions of how they fit into the world. Without a sense of competence, control, and belonging, they [immigrants themselves] may feel marginalized. These changes are highly disorienting [...].¹³ (SUÁREZ-OROZCO, 2000, p. 195).

O deslocamento, então, provoca a ruptura de um sentimento estável de pertencimento fixo a um lugar, fazendo com que o imigrante tenha que se reinventar para se posicionar na nova sociedade que passa a vivenciar. Essa negociação não acontece de forma linear e pacífica. Tende a desorientar e tornar instável a vida do sujeito diaspórico a princípio. Além disso, sem generalizações, cada imigrante parece lidar com as experiências da imigração de forma particular e distinta de outros membros de seu grupo étnico ou não, já que “all diasporas are differentiated, heterogeneous, contested spaces, even as they are implicated in a common ‘we’”.¹⁴ (BRAH, 1996, p. 184). As irmãs García também vivenciam os efeitos da imigração de forma diferente entre elas, e tais acontecimentos são relatados por meio de pequenos contos intitulados com os seus nomes durante toda a estrutura do romance.

Com efeito, a fragmentação da identidade das personagens de Alvarez é representada também pela forma fragmentada da escrita de seu romance. Parece, dessa forma, ilustrar, por meio de minienredos, a não linearidade identitária da família García. Essa instabilidade da não continuidade fixa, entre as histórias relatadas no livro foco de nosso estudo, tende a refletir o que de fato acontece com o imigrante ao tentar uma compreensão de seu ser inserido em uma nova cultura. Essa

13 “[...] Os imigrantes são arrancados de muitas de suas relações sociais de sustentação, assim como de suas funções que lhe são fornecidas por meio de noções culturalmente inscritas de como eles se posicionam no mundo. Sem um senso de competência, controle e pertencimento, eles [os imigrantes] podem se sentir marginalizados. Estas mudanças são altamente desorientadoras [...]” (SUAREZ-OROZCO, 2000, p. 195, tradução nossa).

14 “Todas as diásporas são espaços contestados, heterogêneos e diferenciados, mesmo que impliquem um ‘nós’ comum.” (BRAH, 1996, p. 184, tradução nossa).

possível característica nos leva a pensar, por meio da escrita de outros intelectuais diaspóricos, ser um atributo recorrente daquele que já conviveu ou ainda lida com questões da imigração. Nesse sentido, Cruz constata que:

O que a princípio pode parecer um simples descaso com a língua padrão é, na verdade, uma estratégia que propicia ao leitor não a análise gramatical das frases apenas, em busca de um purismo linguístico e estético falacioso. Estes artistas, ao reformularem a linguagem para a coloquialidade pertencente ao cotidiano da diáspora, propiciam a oportunidade de conhecimento daquelas etnias que normalmente não poderiam se pronunciar no interior da literatura [...]. (CRUZ, 2010, p. 48).

Vê-se, assim, a criação de uma narrativa fragmentada e descrita de uma maneira que vai de encontro ao discurso hegemônico, tanto da literatura estadunidense, quanto da literatura dominicana, uma vez que, em seu texto, Alvarez faz uso de palavras em espanhol que se assemelham aos discursos produzidos por sujeitos diaspóricos oriundos de países de língua espanhola. Claro que sabemos que a literatura clássica e canônica já utilizava recursos como a digressão, o fluxo de consciência, enfim, aparatos que resultavam na fragmentação do texto literário. Contudo, a relevância tanto da autora diaspórica estudada aqui, quanto de outros escritores diaspóricos contemporâneos encontra-se no fato de, além de se utilizar desses recursos, revelar, a partir da configuração de seu romance, o ser híbrido, hifenizado e deslocado da contemporaneidade.

Muitas vezes, tais sujeitos não abandonam a sua primeira língua por completo. Passam a misturar tanto o inglês quanto o espanhol em sua fala. Suas narrativas híbridas dão a oportunidade de inserção e reconhecimento de seus grupos étnicos dentro do contexto hegemônico de poder da sociedade estadunidense sobre as minorias que habitam seu território, fornecendo espaço de visualização de grupos ainda subjugados e por muitas vezes silenciados, tanto nos Estados Unidos, quanto em outros países que exercem seu poder hegemônico sobre outros grupos étnicos. Dessa forma,

Podemos perceber em cada capítulo ou fragmento a autossustentação desses minienredos e que funcionam independentemente dos demais que compõem o livro. Arriscamos ainda sugerir que tais histórias são assim narradas devido à peculiaridade de sua autoria: por serem oriundas da diáspora [...] tais “minicontos” carregam em seu cerne a condição fragmentária. O cotidiano sempre marcado pela incerteza

da continuidade das histórias pessoais ou comunitárias [...] (CRUZ, 2010, p. 49).

Novamente, a condição desestabilizadora do imigrante é refletida diretamente na disposição narrativa do livro. A dificuldade do reconhecimento identitário do imigrante ficcional devido à sua mobilidade entre fronteiras fica representada na transcrição fictícia dos episódios da família García. Assim como as personagens coletam seus fragmentos de memória para montar um quebra-cabeça constituído pelas peças fragmentadas de suas identidades, o leitor de Alvarez também faz uso das estratégias de montagem de um quebra-cabeça para entender a narrativa do livro. Ainda sobre a escrita fragmentada da autora,

Esse desafiar tanto as micro quanto a macroestruturas é representado pelos pequenos “romances de formação” em que se transforma cada uma das jornadas individuais das personagens. À medida que caminham destino adentro na narrativa, elas revelam a nós leitores os diversos aspectos de nossa história no tocante à questão [...]. (CRUZ, 2010, p. 50).

Sendo assim, por meio de sua narrativa fragmentada, destoante daquilo apresentado e disseminado pela literatura tradicional, Julia Alvarez abarca a condição diaspórica do imigrante ao dismantelar a noção de homogeneidade desejada e também reforçada por países de grande compreensão hegemônica, como os Estados Unidos. Segundo Hall (2003), “[e]stamos sempre em processo de formação cultural. A cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar” (HALL, 2003, p. 44). Esperar uma servil e passiva integração do imigrante aos costumes da sociedade estrangeira em que reside pode parecer algo conflitante, pois as negociações culturais experimentadas por ele promulgam transformações em seu ser, na sua identidade, ao começar a ver sua situação com outro olhar.

Por fim, os sujeitos diaspóricos representados em narrativas diaspóricas contemporâneas, muitas vezes, não possuem uma identidade fixa e estável, mas sim uma fragmentação e multiplicidade de identidades desconcertantes, com as quais se podem relacionar em diferentes momentos. Nota-se, assim, que as constantes mediações culturais que fazem parte da vida do imigrante tendem a suavizar uma provável rigidez identitária, já que, por meio dos agenciamentos de duas ou mais culturas, o processo de homogeneização cultural perde lugar e

promulga a transitoriedade de sua identidade, uma vez que: “[...] em vez de falar da identidade como coisa acabada, deveríamos falar da identificação, e vê-la como um processo em andamento.” (HALL, 2001, p. 39).

Crossing Linguistic, Cultural and Geographical Borders: Diasporic Narratives in the Fiction of Julia Alvarez

ABSTRACT

This article aims at investigating the way in which diasporic subjects cope with the clash of two cultures, once it apparently depicts “the plight of those who are torn between mother-lands and mother-tongues”. At the same time, the implications of such negotiations in the lives of immigrants are relevant issues in the writing of Julia Alvarez, as well as other contemporary writers. For this purpose, the uses of family memories are taken into consideration as a means of introducing the collectivity of immigrant writing and, most importantly, as one of the ways immigrant writers from different places may feel connected to one another. Moreover, this article will also consider the linguistic issue for the construction of the immigrant identity insofar as language is a key factor in the negotiation diasporic characters must effect in order to understand where they stand in the contemporary world.

Keywords: Immigration. Narratives. Fiction. Language. Julia Alvarez.

Referências

- ALMEIDA, Sandra. R. G. Narrativas cosmopolitas: a escritora contemporânea na aldeia global. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, v. 32, p. 11-20, 2008.
- ALVAREZ, Julia. **How the García Girls Lost Their Accents**. New York: Plume, 1992.
- ALVAREZ, Julia. **Something to Declare**. Chapel Hill: Algonquin Books Chapel Hill, 1998.
- BRAH, Avtar. Diaspora, border and transitional identities. In: BRAH, Avtar. **Cartographies of Diaspora: contesting identities**. London: Routledge, 1996. p. 178-210.

CRUZ, Adélcio S. Ponciá Vicêncio para além das fronteiras: etnia, gênero e classe. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio; DUARTE, Constância Lima; DUARTE, Eduardo de Assis. (Org.). **Falas do outro**: literatura, gênero, etnicidade. Belo Horizonte: Nandyala/NEIA, 2010. v. 1, p. 43-53.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Organizado por Liv Sovik. Tradução de Adelaine La Guardia Resende *et al.* Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

HALL, Stuart. **Identidades culturais na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HARRIS, Leila A. A produção literária de escritoras contemporâneas que migraram do Caribe para o Canadá e os Estados Unidos. **Cerrados** (UnB. Impresso), v. 20, p. 219-229, 2011.

IYER, Pico. The Empire Writes Back. **Time**, p. 46-51, feb. 8, 1993.

KRISTEVA, Julia. **Estrangeiros para nós mesmos**. Tradução de Maria Carlota C. Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: SANTIAGO, Silviano. **Uma literatura nos trópicos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. p. 9-26.

SPIVAK, Gayatri C. The new subaltern: a silent interview. **The Cultural Studies Reader**. 3rd ed. Ed. Simon During. London: Routledge, 2007. p. 229-240.

SUÁREZ-OROZCO, Carola. Identities under siege: immigration stress and social mirroring among children of immigrants. In: ROBBEN, A.; SUÁREZ-OROZCO, M. M. (Ed.). **Cultures under siege**: collective violence and trauma. Cambridge: Cambridge UP, 2000. p. 194-226.